

O LUGAR DA MEMÓRIA NO FUTEBOL ESCOCÊS:  
AS QUESTÕES POLÍTICAS E HISTÓRICAS ENTRE  
CELTIC E RANGERS DIANTE DO FALECIMENTO  
DA RAINHA ELIZABETH II

THE PLACE OF MEMORY IN SCOTTISH FOOTBALL:  
THE POLITICAL AND HISTORICAL ISSUES  
BETWEEN CELTIC AND RANGERS IN THE FACE OF  
THE PASSING OF QUEEN ELIZABETH II

LUÍSA ALMEIDA DE PAULA\*

**RESUMO:** Aos 96 anos de idade, faleceu a rainha Elizabeth II, a mais longeva da história e que governou o Reino Unido e os países da Commonwealth durante setenta anos. Dentre os países que compõem o bloco político, a Escócia é uma das nações que concentra uma série de movimentos separatistas que buscam a independência da Coroa e movimentos unionistas. Os grupos de nacionalistas a favor da manutenção do país no bloco e os nacionalistas contrários usam o futebol como foco de manifestações e expressões em memória à atuação política inglesa na Escócia desde a Idade Moderna. O *Old Firm*, clássico escocês entre Celtic Football Club e Rangers Football Club tem sua origem em 1888, mas suas raízes vêm desde a Reforma Protestante realizada por John Knox no país. O presente artigo busca analisar e destrinchar as reverberações e manifestações de Celtic e Rangers, junto com seus torcedores, diante do falecimento da monarca inglesa, buscando entender os discursos identitários e os sentidos de memória presentes nessas ações.

**Palavras-chave:** Celtic Football Club; Rangers Football Club; Rainha Elizabeth II;

**ABSTRACT:** At the age of 96 years old, passed away Queen Elizabeth II, the longest-serving Queen in History who ruled the United Kingdom and the Commonwealth countries for 70 years. Among the countries that make up the political bloc, Scotland is one of the nations that concentrate a number of separatist movements seeking independence from the Crown and unionist movements. The nationalist groups in favor of keeping the country in the bloc and the nationalists against uses football as a focus for demonstrations and expressions in memory of the English political action in Scotland since the Modern Age. The Old Firm, the Scottish derby between Celtic Football Club and Rangers Football Club originated in 1888, but its roots go back to the Protestant Reformation carried out by John Knox in the country. The present article seeks to analyze and unravel the reverberations and manifestations of Celtic and Rangers, along

---

\* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (Email: [luisaalmeidaufmg@gmail.com](mailto:luisaalmeidaufmg@gmail.com)).

with their fans, in the face of the death of the English monarch, seeking to understand the identity discourses and the meanings of memory present in these actions.

**Key-words:** Celtic Football Club; Rangers Football Club; Queen Elizabeth II;

## Introdução

Em setembro de 2022, faleceu a monarca mais longeva da história e a última grande personagem do século XX, rainha Elizabeth II. Durante setenta anos, governou o Reino Unido e os demais países da Commonwealth em meio a contradições e divergências entre seus apoiadores e críticos. Ocupou o trono durante o período de reconstrução da Europa, após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945; durante a Guerra Fria; lidou com a dissolução do Império Britânico e, mais recentemente, com a pandemia da Covid-19.

A Escócia, uma das nações que compõem o Reino Unido, concentra em seu país uma quantidade ímpar de movimentos separatistas que buscam uma independência parcial ou total do país frente à Coroa. Grupos de nacionalistas a favor da manutenção do país no bloco e grupos de nacionalistas que reivindicam a separação encontram focos de manifestações em um forte símbolo cultural do país: o futebol. O Celtic Football Club e o Rangers Football Club são os dois maiores clubes de futebol do país e, juntos, protagonizam o *Old Firm*, o clássico entre as duas equipes. O clássico tem sua origem em 1888, quando houve a disputa da primeira partida entre ambos, mas suas raízes vêm de séculos atrás, durante a Reforma Protestante de John Knox na Escócia. O futebol escocês desempenha um papel significativo na construção da identidade nacional escocesa, sendo um forte elemento identitário que se conecta com a memória coletiva.

O nacionalismo é um conjunto de ideologias, sentimentos e práticas que se baseiam na valorização e no fortalecimento da identidade nacional de um povo. Benedict Anderson escreve em *Comunidades imaginadas*:

O meu ponto de partida é que tanto a nacionalidade – ou, como talvez se prefira dizer, devido aos múltiplos significados desse tempo, a condição nacional [*nation-ness*] – quanto o nacionalismo são produtos culturais específicos. Para bem entendê-los, temos de considerar com cuidado, suas origens históricas, de que maneiras seus significados se transformaram ao longo do tempo, e por que dispõem, nos dias de hoje, de uma legitimidade emocional tão profunda.<sup>1</sup>

Para Anderson, o nacionalismo é um produto cultural e possui articulações históricas. Diante disso, o artigo busca pensar como os discursos identitários nacionalistas foram articulados para trazer à memória as tensões nacionais na ocasião do falecimento da rainha Elizabeth II. Buscaremos compreender como o futebol contribui para a construção da

---

<sup>1</sup> ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

identidade nacional escocesa por meio dos sentidos de memória acionados por seus torcedores e como esses sentidos foram manifestados e articulados após o falecimento da monarca.

Na primeira parte do artigo, trazemos um breve retrospecto histórico da Reforma Protestante na Escócia, liderada por John Knox; a união do Reino da Escócia com o Reino Unido e a emigração irlandesa. Em seguida, contextualizamos a origem e as características dos dois clubes, as ideologias e discursos identitários nacionalistas de ambos. Por fim, destacamos as principais manifestações e expressões culturais, sociais, políticas e religiosas de cada clube e seus torcedores diante do falecimento da rainha Elizabeth. Com isso, pretendemos observar como a morte de Elizabeth II fortaleceu os discursos identitários de nacionalismos articulados pela memória coletiva dos clubes do *Old Firm*.

O caminho metodológico adotado foi uma análise qualitativa: analisamos um conjunto de *tweets* relevantes para uma análise mais aprofundada, a fim de envolver a identificação de narrativas e significados subjacentes, discursos dominantes e análise de linguagem simbólica. Selecionamos os *tweets* publicados no perfil oficial do Celtic e do Rangers durante os três dias após o falecimento da monarca; a manifestação dos torcedores de cada clube durante o primeiro jogo de cada pós-falecimento e o protesto das duas torcidas Ultras. A filtragem dos *posts* foi feita de forma manual pela autora, que acompanhou as redes sociais de ambos os clubes efusivamente após o pronunciamento real.

### **Retrospecto histórico: a reforma protestante, a emigração irlandesa e a Revolução Industrial**

Até a Idade Média, o Reino da Escócia e o Reino da Inglaterra eram países independentes. Tal condição foi se desgastando no decorrer do século XIV, diante de combates militares entre os dois reinos, com a Inglaterra invadindo o território escocês. Nos interessa neste artigo estudar o período posterior às duas guerras entre os dois Estados e focarmos a partir do século XVI, com o início da Reforma Protestante na Escócia. Isso porque a rivalidade entre Celtic e Rangers é fomentada, principalmente, por questões religiosas entre católicos e protestantes.

A Reforma Protestante de Lutero, em 1517, não ficou restrita às fronteiras alemãs. A influência das cinco solas e das teses do monge alemão viajaram por toda a Europa, levando o protestantismo para os demais Estados nacionais. A doutrina reformada chega na Escócia por meio do principal nome do protestantismo escocês: John Knox. O pregador nasceu na Escócia, no início do século XVI, e recebeu ordenação sacerdotal antes de 1540 – a Reforma na

Alemanha já estava em vigor. Knox nasceu em um berço católico, mas abandonou a fé em troca das doutrinas protestantes que George Wishart pregava, após este ter conhecido o protestantismo na Alemanha. Wishart pregava as doutrinas protestantes pela Escócia e conseguia mais e mais adeptos à nova fé, criando uma tensão com a já estabelecida Igreja Católica escocesa. Em 1546, Knox vê Wishart ser condenado pelo cardeal Beaton, o lorde chanceler da Escócia e um dos mais ferrenhos líderes da resistência à ascensão política do protestantismo na nação. Inconformado com a condenação do pregador, John Knox e outros discípulos conspiraram e assassinaram o lorde chanceler como vingança, por conseguinte, foram presos pelos franceses em 1547. Knox cumpre a pena estabelecida pela corte francesa e, uma vez livre, prefere se estabelecer na Inglaterra ao invés de na Escócia, onde se aprofunda no calvinismo difundido amplamente no reino dos Tudor. Até sua volta definitiva para a Escócia, John Knox viajou por toda a Europa e entrou em contato com vários reformadores – como Calvino – para aprender mais sobre a estrutura eclesial protestante e como resistir às pressões católicas.

Knox volta à Escócia em um ambiente mais favorável à sua pregação, com o propósito de implantar o calvinismo e fundar a Igreja Presbiteriana escocesa, conseguindo reunir muitos apoiadores entre o povo e os nobres. No entanto, mesmo em um ambiente mais favorável, Knox adota uma postura anticatólica muito intensa e violenta. John Knox considerava os católicos como verdadeiros idólatras e afirmava, publicamente, que o extermínio dos idólatras era dever dos príncipes e magistrados cristãos, ou mesmo de qualquer crente individual. Em 1560, o reformador e seus discípulos iniciam, então, a Reforma na Escócia, estabelecendo algumas medidas e regras que deveriam ser seguidas pela população. Entre essas regras, Knox declara a missa ilegal, pondo fim ao domínio papal na Igreja escocesa; a Igreja Católica na Escócia é declarada extinta e seus bens são confiscados; o protestantismo é instituído como religião oficial do país, sendo a Igreja da Escócia – Kirk – sua representante. Com essa postura e influência do líder escocês, o partido protestante do país tornou-se mais poderoso, como também, violento. Após sermão de John Knox, uma multidão saqueia a cidade, igrejas e mosteiros são invadidos, pilhados e destruídos, cenas de pilhagem e devastação de igrejas e mosteiros partem por diversas cidades da Escócia. A teologia de Knox era essencialmente calvinista, protestante e, por isso, era tão enfático em seus sermões contra a doutrina católica.

A Reforma Protestante fincou suas garras na Escócia com mais ferocidade do que em qualquer outro lugar da Europa. Quando os discípulos de John Knox se espalharam para o norte a partir de sua base em Glasgow e Edimburgo, esmagaram violentamente as cidadelas católicas, em alguns casos recorrendo à limpeza étnica. Sua teocracia executava estudantes de Edimburgo por duvidarem casualmente da existência do

Senhor – e extirpou da sociedade a maioria dos vestígios do papismo. Ao final do século XVIII, Glasgow tinha 39 sociedades católicas e 43 anticatólicas.<sup>2</sup>

Em meio a esse turbilhão religioso, Maria Stuart assume o trono escocês. Tendo vivido na França por vinte anos, a escocesa católica volta à Escócia para tomar posse do trono real, encontrando forte oposição de John Knox. Nas “[...] referências recorrentes ao Antigo Testamento nos discursos de Knox – em que Jezabel é Maria Stuart, os sacerdotes de Baal são os padres católicos, os idólatras são os fiéis católicos e o povo eleito são os presbiterianos”.<sup>3</sup>

O reinado de Maria Stuart vai marcar outro momento de grande tensão entre católicos e protestantes na Escócia, agora, com a Inglaterra e a França envolvidas. Durante o reinado dos Jaimes na Inglaterra, a Escócia se alia à França em diversas guerras contra a Inglaterra. Maria Stuart, escocesa, casa-se com Francisco II, da França, mas, após seu falecimento, volta para a Escócia a fim de ser coroada rainha. Em um ambiente desfavorável, diante da indignação de católicos e protestantes, e pela falta de articulação política, Maria Stuart abdica do poder em favor de seu filho, Jaime VI, que é coroado rei pelo líder da Igreja Presbiteriana escocesa, John Knox. Ao contrário de sua mãe, Jaime VI é criado como um calvinista, impondo à religião um importante papel político e social no país, criando leis que banem qualquer manifestação contrária às crenças calvinistas.<sup>4</sup> Até então, a Escócia mantinha sua posição como uma nação independente da Inglaterra e demais Estados.

O conflito entre ingleses e escoceses se intensifica por alguns anos, com crises institucionais e diplomáticas, alterando demasiadamente o jogo político entre as nações. A política inglesa-escocesa torna-se palco de uma disputa fundamentalista sem fim, com deposições e capturas de reis, conflitos militares e convulsão social, intensificando a disputa entre católicos e protestantes. Os escoceses se organizam para invadir a Inglaterra e depor o novo rei, Carlos I, filho de Jaime VI. Posteriormente, temos um período em que os protestantes tentam instalar um governo local com bases fundamentalistas, os católicos resistem e dão início a uma guerra civil, vencida pelos católicos. Por conta da vitória na guerra civil, os católicos iniciam os “Tempos de Morte”, uma época de aproximadamente oito anos em que os católicos

---

<sup>2</sup> FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**: um olhar inesperado sobre a globalização. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

<sup>3</sup> ALENCAR, Flávio Lemos. Protestantismo e política na Escócia de Maria Stuart (1542-1567). **Aquinate**, [s. l.], v. 12, n. 29, p. 3-22, jan./jul. 2016 Disponível em: <http://www.aquinate.com.br/textos/protestantismo-e-politica-na-escocia-de-maria-stuart-1542-1567/>.

<sup>4</sup> MARTIN, Beatriz; BELLINI, Higor Marcelo Maffei. Não é apenas futebol: a história da Old Firm, a resistência cultural, existente no futebol escocês. **Revista Eletrônica Conhecimento Interativo**, São José dos Pinhais, v. 14, ed. 2, p. 308-327, jul./dez. 2020. Disponível em: <http://app.fiepr.org.br/revistacientifica/index.php/conhecimentointerativo/article/view/461>.

realizam todo tipo de atrocidades contra os protestantes em todo o território escocês. Jaime VII da Escócia (e II na Inglaterra) assume o trono e põe fim a esse período visando a promover uma convivência pacífica entre católicos e protestantes, que não se contentaram com esse apagamento do horror católico e vão se arquitetar, juntamente com os ingleses, para depor o rei Jaime e coroar o protestante Guilherme de Orange. “Guilherme de Orange foi muito bem assessorado e conseguiu estabelecer um governo protestante moderado no qual havia tolerância religiosa.”<sup>5</sup> Após todos esses anos e disputas entre ingleses e escoceses, protestantes e católicos, em 1707 é promulgado o “Ato de União”, unindo a Inglaterra e a Escócia, dando origem ao Reino Unido.

Contudo, foi no ano de 1707, a partir da formalização do acordo de união que formaria o Reino da Grã-Bretanha, os Atos de União, realizado com o consentimento de ambas as nações, ocorreu em um momento bastante oportuno: a Escócia vislumbrava a solução dos problemas econômicos causados pela falha tentativa de expandir o seu comércio a partir do Esquema Darién e, a Inglaterra, buscava assegurar a linha de sucessão Hanôver, dessa forma, garantindo segurança econômica para os escoceses e as defesas que a Inglaterra buscava.<sup>6</sup>

Com o Reino Unido estabelecido, no século seguinte, a Revolução Industrial ocupa papel importante nesse conflito, com início na Inglaterra em meados do século XVIII, consolidando-se no século XIX. O capitalismo emergente, a explosão das indústrias e fábricas e a grande classe trabalhadora compõem o novo cenário europeu durante os próximos anos. A introdução do capitalismo na Inglaterra e, conseqüentemente, na Escócia, traz grande desenvolvimento econômico e social no país, atraindo os escoceses dos campos para os grandes centros em busca de trabalho, aumentando a densidade demográfica das duas maiores cidades da Escócia: Glasgow e Edimburgo. Temos um cenário de mais escoceses concentrados em uma mesma região, criando nos grandes centros um sentimento de escocividade entre a população e a noção de identidade nacional.

Na década de 1840, a Irlanda passa por um difícil momento com a Grande Fome da Batata,<sup>7</sup> ocasionando uma emigração em massa dos irlandeses para a Escócia. Os irlandeses encaram quatro anos de miséria extrema, que se agravaram pela negligência do Império

<sup>5</sup> MARTIN; BELLINI, *Ibidem*, p. 313.

<sup>6</sup> ANDRINO, Ellen Christina do Canto. **O movimento pela independência na Escócia**: estudo do caso no período de 2007 a 2014. 2014. 58 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Relações Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014, p. 20.

<sup>7</sup> Uma bactéria se alastra por todas as plantações de batata da Europa, tendo sido a Irlanda o país mais afetado, uma vez que dependia do tubérculo em suas plantações. Estima-se que aproximadamente um milhão de pessoas morreram e mais de um milhão de irlandeses emigraram do país para os Estados Unidos, Canadá e Reino Unido.



Britânico, então responsável por governar a Ilha.<sup>8</sup> Com um novo contingente populacional irlandês na Escócia, os nativos se veem em uma competição por vagas de emprego com os irlandeses e é “nesse cenário caótico que nascem os times de futebol tratados”.<sup>9</sup> Em meio a trabalhos degradantes, o preconceito e a discriminação dos escoceses protestantes, os irlandeses encontram uma forma de resistir: unir-se em comunidades em torno das igrejas para serem assistidos e reivindicarem tratamentos iguais. É nesse contexto histórico que o Celtic Football Club é fundado.

### A fundação dos clubes

O Celtic foi fundado em 1887 com o principal objetivo de levantar fundos para prover comida para os mais pobres da região leste de Glasgow, uma área da cidade muito empobrecida e com uma alta taxa de mortalidade infantil. Nessa região havia uma grande comunidade de imigrantes irlandeses, e a tensão entre os nativos de Glasgow e o novo fluxo de irlandeses estava crescendo. O irmão Walfrid, fundador do clube, viu a necessidade de integração social e sua ideia inicial era um clube de futebol que pudesse servir de veículo para trazer as comunidades para perto e juntá-las. É fundado para dar assistência aos católicos pobres, com forte orgulho irlandês-católico e, em seus mais de cem anos, dialoga com esses sentimentos de identidades e pertencimentos de seus torcedores.

Por outro lado, o Rangers Football Club foi fundado antes, em 1873, sem uma carga política e religiosa idiossincrática. Diante do acúmulo de vitórias e protagonismos do clube alviverde logo nos anos iniciais de sua fundação, a Escócia protestante busca por uma equipe escocesa para recuperar o título e o protagonismo no futebol nacional. Quando o Rangers consegue acumular vitórias contra o arquirrival, os protestantes escoceses adotam o clube, transformando-o no que é hoje: um clube com forte viés protestante, sindicalista, anticatólico, monarquista, com forte vínculo escocês e inglês. É um clube que expressa o nacionalismo escocês e inglês.

Stuart Hall, importante sociólogo britânico-jamaicano, em sua obra *Identidade cultural na pós-modernidade*<sup>10</sup>, apresenta a identidade como um sistema de representação cultural, em

<sup>8</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Globalização cultural nas fronteiras: o caso do futebol escocês**. História: Questões & Debates, v. 39, n. 2, p. 41-64, 2003.

<sup>9</sup> MARTIN; BELLINI, *op.cit.*, p. 315.

<sup>10</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. 64 p.

que as pessoas não são apenas cidadãos de uma nação, estado ou grupo, mas sim participantes da ideia da nação. Hall define o sujeito da Idade Moderna como um indivíduo que tem sua identidade pautada na relação com as pessoas, uma concepção interativa da identidade. Os indivíduos passam a ser formados, subjetivamente, através de interações sociais mais amplas, com o contato com diferentes sujeitos.

À medida que os escoceses se veem dentro de conflitos políticos, religiosos e sociais com outros grupos sociais – irlandeses e ingleses – sua identidade pessoal e coletiva vai se desenvolvendo. Falar da Reforma Protestante na Escócia e seus reflexos no futebol escocês é falar do jogo das identidades escocesas, irlandesas e inglesas que, ao interagirem entre si, fortalecem suas próprias identidades pessoais. Os irlandeses que fundaram o Celtic usam de elementos e categorias para explorar a irlandade: o clube é alviverde porque as cores branca e verde estão presentes na bandeira irlandesa; o trevo, símbolo do clube, remonta a São Patrício, o padre responsável pela cristianização da Irlanda e que usava o trevo para explicar sobre a Santíssima Trindade; o próprio nome do clube – Celtic – representando o mundo celta, gaélico, do qual a Irlanda faz parte.

Em nosso entender, o caso do Celtic é um tanto quanto peculiar, pois, na maioria dos casos que clubes de futebol encarnam ideias nacionalistas, como é o caso do Barcelona na Catalunha e do Athletic Club de Bilbao no País Basco, esse ideal se refere ao território em que esse clube está situado. Porém, como citado anteriormente, o Celtic é uma lembrança das contradições do Reino Unido; é uma marca que está longe de se cicatrizar da política inglesa em relação a ilha vizinha e das perseguições promovidas aos católicos pelos monarcas ingleses nos séculos XVI e XVII.<sup>11</sup>

Em contrapartida, o Rangers fortaleceu uma identidade conservadora, unionista e protestante para negar a identidade republicana e católica do Celtic, ou seja, pautaram a identidade do clube em referência à identidade do Celtic. Michael Pollak escreve: “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros.”<sup>12</sup> Elencado a isso, também possui elementos que trazem a identidade pró-monarquista, pró-protestante do clube: seu escudo contém os dizeres Rangers Football Club em azul e um leão em vermelho, o Leão Rampart, ligado a Escócia desde o século XIII, presente no emblema oficial do país. O leão do escudo não só relaciona o clube com a Escócia, como também demonstra suas preferências inglesas, uma vez que a Inglaterra e o Reino Unido também possuem um leão em seus brasões oficiais. As cores oficiais dos *Gers*, como são comumente chamados, são o azul royal, branco e vermelho, cores também presentes na bandeira escocesa, na bandeira inglesa e na bandeira

<sup>11</sup> REZENDE, Matheus Henrique Silva de; VIEGAS, Luiz Marcelo. The Celtic Football Club e o Nacionalismo Irlandês na Escócia. **Ludopédio**, São Paulo, v. 137, n. 8, 2020.

<sup>12</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.



oficial do Reino Unido. O terceiro uniforme do Rangers, tradicionalmente, é na cor laranja, fazendo menção à Ordem de Orange, uma organização de fraternidade protestante, que opera no Reino Unido e na República da Irlanda, de caráter conservador, que visa defender a união da Irlanda (inicialmente) e da Irlanda do Norte (atualmente) à Coroa Britânica.

Giulianotti segue uma narrativa diferente e alega que ambos os times, Celtic e Rangers, se afastaram da escocividade, privilegiando as narrativas irlandesas e inglesas, respectivamente:

Já, ao contrário, para alguns dos elementos mais agressivos dentro do Exército Xadrez, os fãs do Old Firm distanciaram-se simbolicamente da Escócia e da escocividade: torcedores do Celtic, através de seu tradicional hábito de exibir a bandeira tricolor irlandesa e de cantar algumas canções irlandesas; os fãs do Rangers, através de sua mais recente adoção de símbolos ingleses, tais como a bandeira e camisetas do futebol inglês. Sobretudo durante campeonatos contra o Old Firm (e em particular os Rangers), fãs de outros times escoceses algumas vezes cantam o hino nacional escocês, Flower of Scotland, para enfatizar seu nacionalismo cultural como forma de destacar-se de seus rivais de Glasgow.<sup>13</sup>

O nacionalismo, partindo do preceito de considerar a sua nação melhor do que as demais faz com que o uso do “nós” se sobreponha à ideia de individualidade e apague o que existe de “eles” e de diferença em qualquer sociedade. A Reforma de John Knox na Escócia não cria, apenas, um sentimento de identidade nacional escocesa, irlandesa e inglesa, mas se refere também às identidades religiosas: protestantes e católicos. Ao reprimir violentamente as massas católicas na Escócia e na Inglaterra, Knox, indiretamente, fortalece as identidades pessoais e coletivas desses grupos, uma vez que irão resistir, coletivamente. Sendo assim, o futebol escocês pode ser visto como uma metáfora à resistência.

### Manifestações diante do falecimento da rainha Elizabeth

A rainha Elizabeth II faleceu no dia 8 de setembro de 2022, aos 96 anos. Manifestações contrárias e dicotômicas à perda da monarca britânica foram centrais no caso do Celtic e Rangers. O clube de viés protestante e conservador postou uma nota de pesar em forma de *tweet* às 14h51min no dia em que afirmam que *The Directors, management, players and staff of Rangers Football Club are deeply saddened to learn of the passing of Her Majesty The Queen*<sup>14</sup>, seguido do *link* para o site com o comunicado oficial, seguida de uma foto oficial da monarca Elizabeth II no vestiário do clube.

<sup>13</sup> GIULIANOTTI, *op.cit.*, p. 53.

<sup>14</sup>Tradução: “Os Diretores, gestores, jogadores e staff do Rangers Football Club estão profundamente tristes por saber do falecimento de Sua Majestade A Rainha”.

Figura 1 – Primeiro *tweet* do Rangers<sup>15</sup>



Uma foto emoldurada da Rainha Elizabeth II ocupa um lugar de destaque dentro do vestiário do estádio.

Figura 2 e 3 – Comunicado oficial no site do Rangers<sup>16</sup>

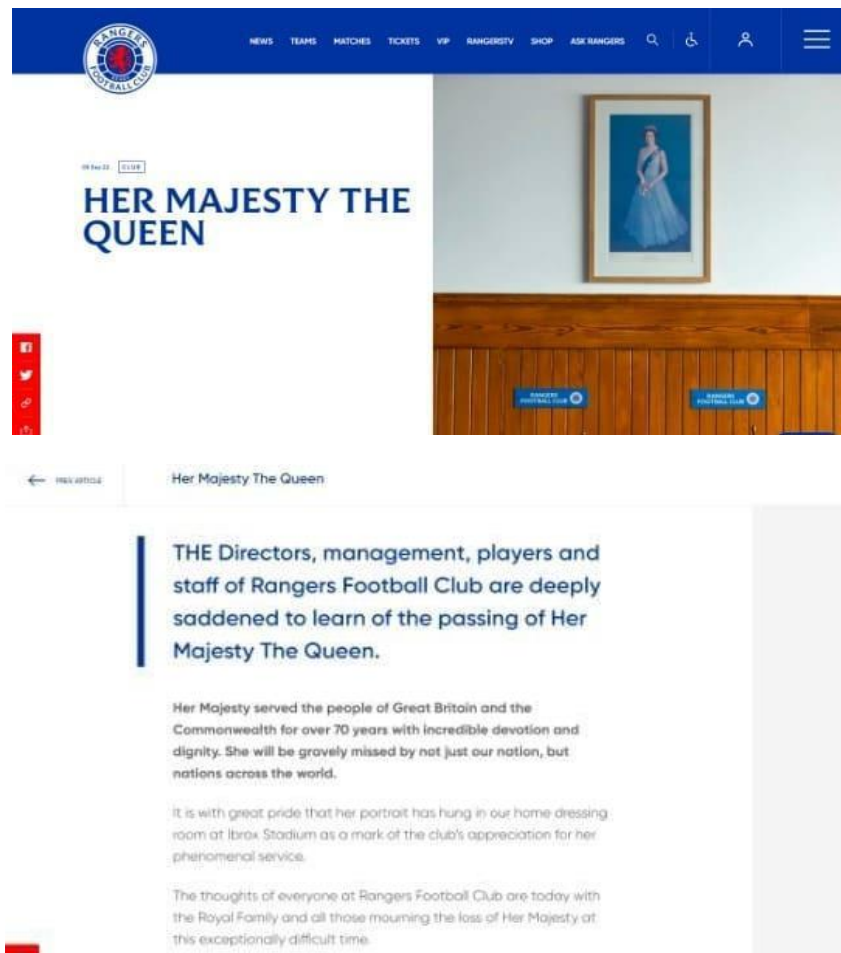
<sup>15</sup>

Disponível

em:

<https://twitter.com/RangersFC/status/1567933781675331588?s=20&t=PzrMznfbhwpCKJRATGDIA>

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.rangers.co.uk/Article/her-majesty-the-queen/1wZwlxsIpn8xxBh0rFPMeP>



Comunicado oficial no site do clube prestando homenagens à Rainha.

Há um esforço do clube em exaltar a rainha Elizabeth II como a Grande Majestade, rememorando seus anos de serviço e governança do Reino Unido e Commonwealth, seguidos de elogios à devoção e dignidade despendida no trabalho realizado. As homenagens passam de simples comunicados para um verdadeiro esforço de honrar o legado da monarca e exaltar sua memória. A rainha Elizabeth II traz à memória todos os valores que o clube e os *Gers* acreditam: tradição, protestantismo, conservadorismo e o respeito à monarquia. No dia seguinte, 9 de setembro de 2022, o Rangers continuou com suas homenagens à Elizabeth II adotando um minuto de silêncio antes do início dos treinos em memória à monarca.

Figura 4 – Postagem com foto dos jogadores durante o treino do Rangers<sup>17</sup>

17

Disponível em: <https://twitter.com/RangersFC/status/1568200610813562880?s=20&t=PzrMznfbhwpCKJRATGDIA>.



Jogadores do Rangers em volta do círculo central durante o minuto de silêncio em memória à Rainha.

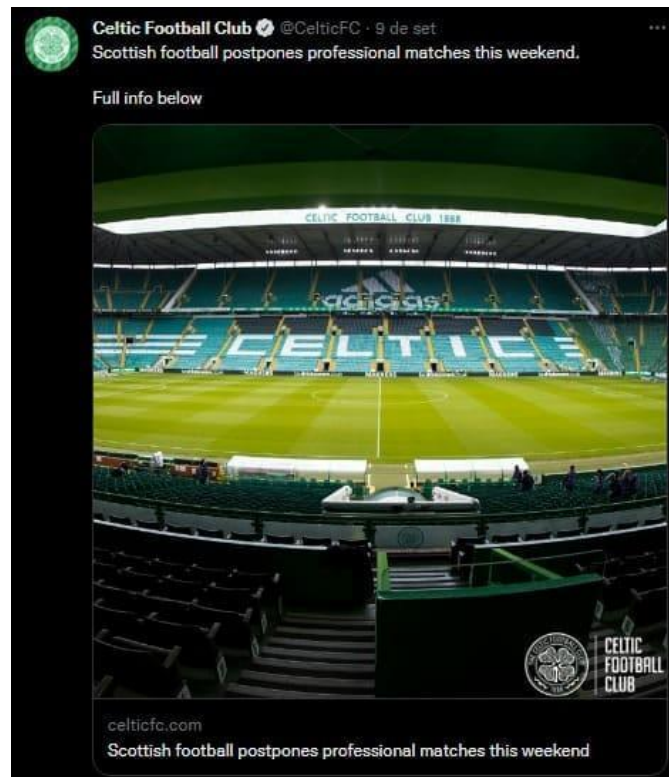
Além dos comunicados iniciais, o Rangers alterou a foto de perfil para o escudo nas tonalidades preto e branco como forma de luto, prática adotada pelos demais clubes ingleses e escoceses.

Há uma diferença sutil nas abordagens dos primeiros comunicados de cada clube: enquanto o Rangers Football Club tratou de demonstrar a tristeza, o luto e a homenagem à rainha, o Celtic Football Club adotou uma postura mais formal, direta e sem juízo de valor.

Do outro lado do *Old Firm*, logo após o comunicado oficial do falecimento real, além de não ter alterado as cores da foto de perfil para preto e branco, o Celtic Football Club nada postou em suas duas principais redes sociais – Twitter e Instagram. Pelo contrário, foi publicada apenas uma curta e objetiva nota em seu site oficial replicando as informações da Coroa, expressando as sinceras simpatias e condolências à família da rainha.<sup>18</sup> Um dos motivos pelo silêncio inicial nas principais mídias sociais do clube alviverde vem desse lugar de oposição e traumas frente à Coroa inglesa, na pessoa da Elizabeth. O perfil político-sócio-religioso da torcida do Celtic é de progressistas católicos contrários à monarquia que não se entristeceram ou lamentaram o falecimento da rainha. Por conseguinte, o tom das postagens e comunicados foi mais formal e indiferente.

A primeira postagem do perfil do Celtic veio apenas quando a Federação Escocesa de Futebol decidiu adiar as partidas de futebol profissional que ocorreriam no final de semana:

<sup>18</sup> “O Celtic Football Club expressa suas sinceras simpatias e condolências à família da Rainha Elizabeth II seguindo as notícias comunicando seu falecimento.” Disponível em: <https://www.celticfc.com/news/2022/september/08/statement-by-celtic-football-club/>.

Figura 5 – Primeiro *tweet* do Celtic após o falecimento da Rainha Elizabeth II<sup>19</sup>

A postagem anuncia o adiamento das partidas de futebol na Escócia, com um link direto para o site do clube.

Válido pontuar que a postagem é direta ao ponto do adiamento das partidas, não abordando o porquê de adiarem (falecimento da rainha). Essa informação aparece apenas no site, quando o usuário clica no *link* – também não vem seguida de nenhuma condolência ou pesar pela perda real.

<sup>19</sup> Tradução: “O futebol escocês adia jogos profissionais este fim-de-semana.” Disponível em: <https://twitter.com/CelticFC/status/1568216921719410688?s=20&t=PzrMznfbhwpwCKJRATGDiA>.



Figura 6 – Comunicado no site do Celtic sobre as partidas adiadas<sup>20</sup>

A primeira partida de ambos os clubes após o falecimento da rainha foi no dia 14 de setembro de 2022, pela 2ª rodada da fase de grupos da Champions League, a principal competição continental da Europa. O Rangers jogou em casa, no imponente Ibrox Stadium, contra o Napoli, da Itália. Em uma das arquibancadas, os torcedores vestidos de preto prepararam um grande mosaico da bandeira do Reino Unido (a famosa *Union Jack*) com a silhueta do rosto da monarca. Foi um jogo tratado com grande solenidade pela torcida: respeitaram impecavelmente o minuto de silêncio antes do apito inicial; cantaram o hino oficial do Reino Unido *God Save The Queen*, embora não seja permitido pela UEFA.

Figura 7 – Mosaico da torcida do Rangers com a silhueta da Rainha Elizabeth II



(Image: SNS Group)

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.celticfc.com/news/2022/september/09/scottish-football-postpones-professional-matches-this-weekend/>.



O Celtic, jogando fora de casa, enfrentou o Shakhtar Donetsk, na Polônia,<sup>21</sup> e adotou postura contrária. Não houve mensagens de pesar e condolências; não houve o minuto de silêncio que a UEFA e as ligas nacionais da Europa outorgaram antes dos jogos (no caso do Celtic, a UEFA não obrigou nem multou a instituição, ciente da postura contra-monarquia do clube e dos torcedores, que poderiam tomar o estádio de vaias). Mesmo jogando fora de casa, os torcedores estenderam faixas com mensagens como “*fuck the crown*” (“foda-se a coroa”) e outra faixa com os dizeres “*sorry for your loss, Michael Fagan*” (“sinto muito por sua perda, Michael Fagan”), em referência ao homem que invadiu o quarto de Elizabeth II em 1982, com a intenção de se cortar em frente a ela.

Figura 8 – Protestos dos torcedores do Celtic

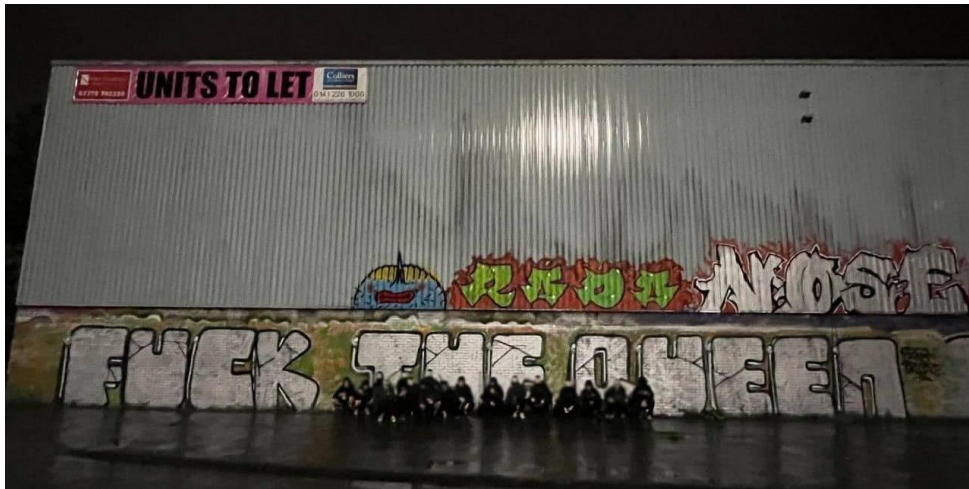


Faixas mandando a Coroa “às favas” e lembrando Michael Fagan. (Craig Williamson/SNS Group/Getty Images).

Outra manifestação contundente de protesto veio da torcida dos ultras do Celtic, *Green Brigade*, que picharam um muro com os dizeres *Fuck the Queen* (“foda-se a Rainha”) horas após o comunicado oficial do falecimento de Elizabeth II.

<sup>21</sup> Devido às restrições de futebol na Ucrânia, por conta da guerra contra a Rússia.

Figura 9 – Membros da *Green Brigade* posam em frente ao muro pichado horas depois do anúncio do falecimento<sup>22</sup>



Os *hooligans* do Rangers logo responderam aos ultras do *Green Brigade* e picharam “*fuck the pope*” (“foda-se o Papa”) no mesmo lugar:

Figura 10 – Resposta dos *hooligans* do Rangers<sup>23</sup>



A família real britânica marca a rivalidade do *Old Firm*. O sectarismo vigente entre as duas torcidas, reforçada pelos ideais republicanos de um e unionistas de outros, produzem sentidos de identidades e memórias, que são reforçados pelas próprias institucionalidades dos clubes.

<sup>22</sup> Fonte: <https://www.dailystar.co.uk/sport/football/celtic-the-queen-ultras-football-27953723>.

<sup>23</sup> Fonte: <https://twitter.com/ritmodetorcida/status/1568325437553790981?s=20>.

Válido citar que as manifestações, os protestos e as homenagens não se restringiram aos dois clubes. Na Escócia, outros clubes aproveitaram o momento para protestar. A partida entre Hearts of Midlothian<sup>24</sup> e İstanbul Başakşehir estava prestes a entrar no segundo tempo quando o Palácio de Buckingham divulgou o comunicado do falecimento, o que fez com que o minuto de silêncio fosse tomado por torcedores do Hearts, que começaram a entoar improperios e obscenidades, enquanto outros vaiaram. Diante da situação, o juiz foi obrigado a encerrar o minuto de silêncio antes dos sessenta segundos completos. Na Inglaterra, torcedores do West Ham<sup>25</sup> entoaram o hino “*God Save the Queen*” no minuto de silêncio em sua partida pela *Conference League*. Na Bélgica, ainda pela mesma *Europa Conference League*, a torcida do Shamrock Rovers, da capital irlandesa, por outro lado, adaptou a canção “*Give it Up*” da banda norte-americana KC and the Sunshine Band de forma pejorativa e, enérgicos, cantaram sobre a rainha Elizabeth II estar num caixão (“*Lizzyis in the box*”<sup>26</sup>),<sup>27</sup> provocando uma nota de repúdio do clube e da federação irlandesa.

### À guisa de conclusão

Benedict Anderson escreve que as nações são comunidades imaginadas – intrinsecamente limitadas e, ao mesmo tempo, soberanas. Imaginadas porque seus membros jamais conhecerão a totalidade de seus companheiros, mesmo tendo a imagem viva de uma comunhão entre companheiros; limitadas porque possuem fronteiras finitas; soberanas porque sonham em ser livres, sem dominação; e são comunidades porque concebidas como uma camaradagem horizontal.<sup>28</sup> O que difere uma nação/comunidade da outra é a forma como elas são imaginadas – daí entram os discursos identitários e os lugares de memória.

A memória é constituída por acontecimentos vividos pessoalmente; vividos a partir da experiência do outro, através da projeção ou identificação com um passado, mesmo por pessoas que não o viveram; por ser constituída por personagens e pelos lugares de memória, locais de realização dos atos de rememoração/comemoração.<sup>29</sup> A memória desempenha um papel

<sup>24</sup> Queen Elizabeth II dies: Minute's silence at Tyne castle during Hearts and İstanbul Başakşehir game cut short by referee. Disponível em: <https://www.edinburghnews.scotsman.com/sport/football/hearts/queen-elizabeth-ii-dies-minutes-silence-at-tyne-castle-during-hearts-and-istanbul-basaksehir-game-cut-short-by-referee-3837081>.

<sup>25</sup> Torcedores do West Ham cantaram “*God Save The Queen*” durante minuto de silêncio pela rainha Elizabeth. Disponível em: <https://trivela.com.br/inglaterra/torcedores-do-west-ham-cantaram-god-save-the-queen-durante-minuto-de-silencio-pela-rainha-elizabeth/>.

<sup>26</sup> Tradução livre: “Lizzy está numa caixa.”

<sup>27</sup> Shamrock Rovers fans mock Queen. Disponível em: <https://www.sundayworld.com/news/irish-news/shamrock-rovers-fans-mock-queens-death-again-with-lizzies-in-a-box-chant-in-belguim/1761245867.html>.

<sup>28</sup> ANDERSON, *op. cit.*, p. 32-34.

<sup>29</sup> POLLAK, *op. cit.*, p. 201.

fundamental na produção e na sustentação dos nacionalismos, atuando como um mecanismo de construção e reafirmação das identidades nacionais. Por meio da seleção, interpretação e transmissão de eventos, narrativas e símbolos do passado, a memória coletiva molda a percepção e a representação da história de uma nação, construindo um senso de continuidade e pertencimento. As lembranças e os relatos do passado são selecionados e reinterpretados de acordo com os interesses e objetivos de cada clube e torcida, destacando conquistas, heroísmos e valores que reforçam a identidade nacional, ao mesmo tempo em que ocultam ou minimizam aspectos controversos ou conflitantes. Assim, a memória coletiva exerce uma influência significativa na produção e na reprodução dos nacionalismos, moldando a consciência histórica e promovendo um senso de coesão e solidariedade entre os membros de uma nação. Para os torcedores do Celtic, a nação escocesa é uma comunidade imaginada que é narrada conforme os lugares de memória e as origens históricas particulares de seus torcedores, aos sistemas culturais perpassados. Já para os torcedores do Rangers a forma de se imaginar e narrar a Escócia também vem de um lugar comum de memória que todos os participantes dessa torcida/comunidade participam.

A memória não é a história, mas um dos seus objetos. A memória constitui-se em fonte histórica, uma vez que possibilitam saber o que é recordado; a história alimenta a memória. O resgate da memória é um resgate da disputa política e nacionalista: Celtic e Rangers são veículos de expressão do sentimento de pertencimento escocês, do nacionalismo sectário, incorporando elementos históricos, culturais e religiosos. A rivalidade do *Old Firm* está enraizada em uma dimensão nacionalista mais ampla. Isso evidencia como o futebol escocês reflete e reforça as divisões sociais e identitárias presentes na nação. O clássico escocês desempenha um papel significativo na construção da identidade nacional escocesa, sendo um forte elemento identitário que se conecta com a memória coletiva. A memória coletiva construída em torno do futebol escocês reforça o sentimento de pertencimento e consolida uma identidade nacional distintiva, apesar das rivalidades e tensões que também emergem do contexto esportivo.

## Referências

ALENCAR, Flávio Lemos. Protestantismo e política na Escócia de Maria Stuart (1542-1567). *Aquinate*, [s. l.], v. 12, n. 29, p. 3-22, jan./jul. 2016 Disponível em: <http://www.aquinate.com.br/textos/protestantismo-e-politica-na-escocia-de-maria-stuart-1542-1567/>.

- ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. Memória serve pra quê?: Uma análise do “do que deve ser esquecido” e “do que pode ser lembrado” na história. **Memória e patrimônio: Anais do XIV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio**, Rio de Janeiro, jul. 2010.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRINO, Ellen Christina do Canto. **O movimento pela independência na Escócia**: estudo do caso no período de 2007 a 2014. 2014. 58 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Relações Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- CLANCY, Kieran. Celtic Football Club and Irish identity. **Socheolas**, Limerick, v. 2, p. 75-88, 2010. Disponível em: <https://ulir.ul.ie/handle/10344/7971>. Acesso em: 16 abr. 2021.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**: um olhar inesperado sobre a globalização. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- GIULIANOTTI, Richard. **Globalização cultural nas fronteiras**: o caso do futebol escocês. *História: Questões & Debates*, v. 39, n. 2, p. 41-64, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. 64 p.
- MARTIN, Beatriz; BELLINI, Higor Marcelo Maffei. Não é apenas futebol: a história da Old Firm, a resistência cultural, existente no futebol escocês. **Revista Eletrônica Conhecimento Interativo**, São José dos Pinhais, v. 14, ed. 2, p. 308-327, jul./dez. 2020. Disponível em: <http://app.fiepr.org.br/revistacientifica/index.php/conhecimentointerativo/article/view/461>.
- POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, v. 5, n. 10, 1992.
- REZENDE, Matheus Henrique Silva de; VIEGAS, Luiz Marcelo. The Celtic Football Club e o Nacionalismo Irlandês na Escócia. **Ludopédio**, São Paulo, v. 137, n. 8, 2020.
- SOUSA, Daniel Alves de. O papel da memória e da identidade no futebol e o fracasso da Superliga Europa. **Ludopédio**, São Paulo, v. 143, n. 55, 2021.